

TESEU E HÉRCULES: PARA UMA APROXIMAÇÃO SEMIOLÓGICA MÍTICA

Profa. Dra. Deise QUINTILIANO
PEREIRA (UERJ)

RESUMO:

Análise semiológica de simetrias e assimetrias que caracterizam os percursos dos personagens Teseu (na versão do escritor francês André Gide) e Hércules, com o escopo de destacar a significação identitária profunda que os mesmos evocam, por intermédio do cotejo de uma proposta destituída de um sentido existencial (Hércules), em contraposição a uma leitura iluminista, humanista e “desengajada” dos feitos praticados pelo herói ateniense (o Teseu de Gide).

Palavras-chave: Mito grego; André Gide; Semiologia; Análise comparativa; Releitura mítica.

Apresentação

Os gregos apresentaram à posteridade uma formidável mitografia, minuciosamente construída, ressaltando a importância dos mitos, para a compreensão do homem e suas relações com a divindade. Sabemos ainda que inúmeros autores, inclusive os contemporâneos, serviram-se enormemente desse suporte, para que, a partir de suas visões pessoais e de seus fundamentos filosóficos, pudessem reescrever as histórias desses mitos, a partir de uma nova perspectiva.

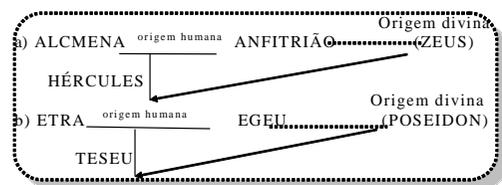
Gide criou *Thésée*¹, apoiado no mito de referência grego, transformando-o em função de sua filosofia da liberdade (gidismo) e das idéias ancoradas no século das “luzes”. É aí que repousa sua originalidade com relação a essa obra. Uma aproximação entre os personagens mitológicos Teseu e Hércules pareceu-lhe imperativa, uma vez que sua construção segue um modelo estrutural homólogo. A partir da releitura gidiana dessa significativa correlação, cumpre interrogar-se sobre o alcance de seus feitos, bem como sobre os sentidos profundos que eles denotam.

Nossa leitura tem, assim, por fito o estabelecimento de simetrias e assimetrias entre esses dois personagens. Para tanto, é necessário avaliar seus percursos, no interior da narrativa, e estudar como essas simetrias e assimetrias assumem importância fundamental para a definição da identidade de ambos os personagens.

A origem dos heróis Teseu e Hércules

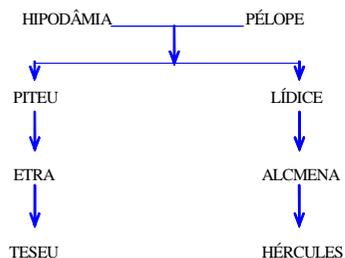
A primeira simetria que se estabelece entre esses personagens guerreiros refere-se à sua filiação. Sendo ambos filhos ilegítimos e obscuros,

passaram por possuidores de um nascimento divino.



a) Aproveitando-se da ausência de Anfítrio (que partira em expedição contra os Teleboanos), Zeus, para seduzir Alcmena, assume a forma e aspecto de seu marido, durante uma noite, que durou vinte e quatro horas. Ao retornar, na manhã seguinte, Anfítrio deu à Alcmena outro filho, Íficles, o irmão gêmeo de Hércules.

b) Não podendo ter filhos, Egeu foi consultar o oráculo de Delfos. Não compreendendo o que seus versos obscuros significavam, desviou-se de seu caminho para consultar o rei de Trezena, Piteu. Esse logo compreendeu o sentido do oráculo: Egeu deveria ter um filho dotado de enormes qualidades. Piteu embriagou, então, Egeu e, à noite, aproximou do rei sua filha Etra. Egeu uniu-se a ela que concebeu um filho que se chamaria Teseu. Todavia, diz-se também que Teseu é, na realidade, filho do deus Posêidon. Na noite em que Etra uniu-se a Egeu, ela tinha sido inicialmente enganada por um sonho, enviado por Atena: oferecer um sacrifício numa ilha, na qual ela havia sido tomada à força pelo deus Posêidon, que lhe engendrara esse filho. O mesmo que Egeu imaginara ser seu. Haja vista que Etra era filha de Piteu e Alcmena de Lídice, os dois meninos, meio humanos, meio divinos, eram primos, pois Piteu e Lídice eram irmãos, filhos de Hipodâmia e de Pélope, conforme quadro que segue:



A história dos dois personagens encontra-se, destarte, intimamente associada à idéia de conquistar, dominar e fundar. A noção de *fundar* remete, por seu turno, à procura da identidade que constitui o próprio fundamento do *ser*. Por essa razão, Teseu afirma: “é necessário, inicialmente, compreender bem *quem somos*” (GIDE, 1946: 10).

A relação Teseu - Hércules

Teseu tinha uma enorme admiração pelo mérito de Hércules. Desde sua juventude, inflamava-se em face de suas glórias. Segundo Plutarco: “ele sonhava, à noite, com as grandes ações do herói, de dia, a emulação o invadia e ele sonhava em agir como ele” (PLUTARQUE, 1950: 6).

Teseu deseja, claramente, ultrapassar as conquistas desse personagem, apresentado, inicialmente, como um ideal a atingir para, em seguida, ser vencido. Hércules é alguém que:

HERCULES	enquanto	TESEU
Acomoda-se ao lado de Onfala (Gide, 1946, 17).		Vai <i>em frente</i> , mantendo-se sempre disponível: “O importante era não se permitir acomodar por ninguém”. “Nunca valorizei o lar, ainda que se localize no seio das delícias e só almejo <i>ir em frente</i> , tão logo a novidade ofusca-se. Em seguida, ela (Ariadne) dizia: “Você me tinha prometido. Eu não tinha prometido absolutamente nada e me empenho, sobretudo a <i>manter-me livre. É a mim mesmo que me devo</i> ” (GIDE, 1946: 49-57).

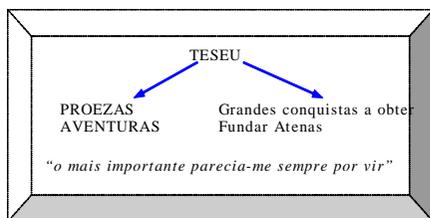
Importa verificar como essas características se refletem na narrativa gídana e de que maneira elas serão úteis para nuançar o percurso, talvez mesmo a identidade, de cada um desses personagens.

Dédalo e o futuro

Personagem que possuía um *saber absoluto*, o olhar de Dédalo avalia o presente e o futuro, indicando a Teseu grandes conquistas no futuro: “E tu mesmo, ó Teseu, por mais despreocupado que pareças e que te creias, não escaparás, não menos do que escapava Hércules ou Jasão ou Perseu, à fatalidade que os molda” (GIDE, 1946: 74-75). A única coisa que lhe resta a fazer para vencer a fatalidade é *seguir sempre em frente*:

Então, não demore no labirinto, nem nos braços de Ariadne, depois do temerário combate do qual sairás vencedor. *Vá em frente*. Considere a preguiça uma traição. Saiba encontrar repouso apenas no seu destino perfeito, na morte. Somente assim, para além da morte aparente, viverás incansavelmente recriado pelo reconhecimento dos homens. *Siga em frente*, sempre em frente, siga sua estrada, prossiga sua rota, valente unificador de cidades (GIDE, 1946: 75).

Dédalo reforça a filosofia da independência e da liberdade, baseada num discurso centrado no homem. Nessa via, confirma sua posição de defesa de um humanismo resoluto -, pois ele pratica a luta pelo bem da humanidade – ancorada na disponibilidade do *não engajamento*. Por essa razão, com base na onisciência de Dédalo para com Teseu, é possível estabelecer uma relação passado/futuro:



O papel dos malfeitores na narrativa

Se Hércules representava para Teseu um ideal a atingir e a suplantar, é evidente que este deveria expor-se ao máximo e constantemente ao perigo para colocar à prova seu valor e seu excepcional vigor físico. Ele mesmo confessa: “pretendo não me distinguir do comum se não for por meu valor” (GIDE, 1946: 24). Com efeito, no momento em que parte de Trezena para Atenas, para reunir-se ao seu pai putativo (Egeu), decide-se a seguir pela estrada “justamente em função de seus perigos”. A rota marítima deveria ser abandonada porque, “sendo de longe a mais segura”, era vislumbrada por ele como uma fuga própria dos covardes.

É o momento justo de reivindicar seu lugar de herói ao lado de Hércules, já que seu primo “afeminava-se aos pés de Onfala”, permitindo que os escroques comesçassem a infestar o país. A esse propósito, esclarece

Plutarco: “Piteu explicando a Teseu o caráter particular de cada um desses bandidos e malfeitores, assim como o modo conforme tratavam os estrangeiros, tentava convencê-lo a partir pelo mar” (PLUTARQUE, 1950: 6).

De fato, é nesse momento que Teseu, aos dezesseis anos, confronta-se com a maior prova de sua adolescência, matando, sucessivamente, Sinis, Perifeto, Procusto, Gerion (por ironia) e Cercião. Esses assassinatos tiveram um significado especial para o conjunto de sua obra porque de Perifeto, que carrega o *perigo* em seu nome (perigo + feito), designando a ação de quem representa perigo às pessoas, ele pegou o cassetete, transformando-o em sua arma pessoal. Constatamos, nessa aventura, uma proeza, uma simetria, uma similitude no que tange às aventuras de Hércules, definidoras do trabalho primevo desse, realizado no conjunto dos doze trabalhos, amplamente conhecidos, como o que se intitula *o leão de Nemeia*, irmão da esfinge de Tebas. Hércules o matou e apossou-se, para sempre, da pele desse leão.

Segundo alguns, Teseu, assim denominado em função do “dépôt” [thésis] (depósito, consignação) dos signos de reconhecimento – inclusive das armas que passariam a lhe pertencer¹ – negligenciou-as porque estavam *virgens de sangue*; ao passo que em posse da clava de Perifeto, demonstrava que essa arma “impotente contra ele, tornava-se invencível em suas mãos”. De Sinis, por extensão de idéia, associado ao francês “sénestre”, adjetivo caído em desuso, atualmente, significando, esquerdo, canhoto, sinistro, ele pegou a filha Périgone, por aproximação (*péril* “perigo” + *gnônai*, radical grego = *connaître*, “conhecer”): “aquela que conheceu o perigo”.

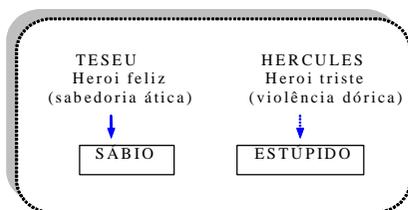
Cumprir destacar que Sinis era o “esticador de pinhos”, já que esquartejava suas vítimas amarrando seus braços, separadamente, entre dois pinheiros, os quais ele recurvava o cume, que soltava violentamente, em seguida, donde a associação com “sinus” (latim) = curva, sinuosidade: que faz contornos, sinuoso. Mesmo o termo “pinheiro” contém uma relação intrínseca com “pini”, palavra italiana e corsa que remete à idéia de poder e dominação. A relação de Teseu com “Périgone” denota a audácia do herói, a ironia da narrativa e a filosofia da disponibilidade, sempre atuante: “eu acabara de matar seu pai e lhe dei em recompensa um forte e belo filho: Menalipo. Perdi ambos de vista, seguindo em frente; preocupado em não me atrasar” (GIDE, 1946: 21).

Plutarco esclarece que Procusto era o “esticador”², que Teseu forçou a adaptar-se às dimensões de sua própria cama. De seu nome, depreende-se a assonância de Pro+crusta, derivação francesa de “croûte”, “croûton” que, em sentido figurado, designa um homem pouco inteligente = BÊTE (estúpido). Trata-se de uma característica importante pois justificará sua morte, dada por Teseu, que fazia esses assassinos perecerem do mesmo suplício que

infligiam às suas vítimas, procedimento simétrico ao praticado por Hércules.

A filosofia dos heróis

A relação entre os dois personagens persiste quando analisamos o sentido de suas existências. Sendo ambos heróis guerreiros, idealizavam, sob a forma de jogos, uma demonstração de seu espírito de competição e de luta. Teseu organiza os jogos Ístmicos, em homenagem a Posêidon, enquanto Hércules se ocupa dos jogos Olímpicos, em honra a Zeus. A assimetria torna-se evidente no que diz ainda respeito a suas personalidades distintas:

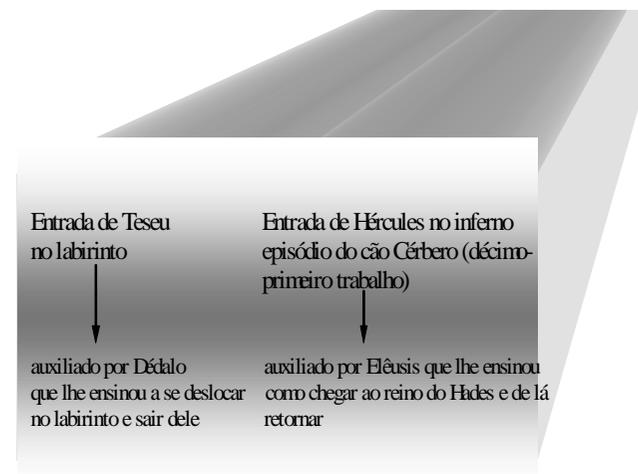


Os feitos de Hércules são abundantes, mesmo grandiosos, mas eles não respondem às questões metafísicas, implicando tão somente o emprego da força pela força, o que fundamenta sua profunda tristeza. Por seu turno, o Teseu gídiano age em nome de uma filosofia da independência e da liberdade. Seguindo sempre em frente, não se deixa enredar nem pelo pensamento nem pela angústia existencial, donde sua alegria de viver, seu gosto e prazer em cumprir sua missão.

Essa assimetria é de importância capital para a compreensão do percurso dos dois personagens, visto que revela as razões pelas quais Teseu (sábio) deseja destronar as conquistas de Hércules (estúpido). Além disso, Teseu tomou a decisão de matar o Minotauro justamente em função de sua estupidez, dito de outro modo, porque também ele era “bêta”: “eu permaneci mesmo um tempo contemplando-o. Mas ele abriu um olho. Percebi, então, que era estúpido e que tinha que ir lá” (GIDE, 1946: 76). O mesmo ocorrera com Procusto, preliminarmente eliminado por motivo semelhante.

O mito do homem-ilha

A passagem da morte do Minotauro deve ser analisada atentamente, à medida que representa um momento avultoso para que Teseu prossiga na sua luta pessoal com vistas a ultrapassar os feitos de seu primo. A simetria persiste porque o episódio é corolário daquele referente à descida de Hércules ao inferno:



O episódio do Minotauro remete ao mito da ilha, uma vez que essa imagem está sempre presente em todos os grandes momentos do herói Teseu, que confessa: “eu estava muito curioso por conhecer Creta”. Nessa ilha, ocorre a luta mortal contra o Minotauro, que era provavelmente o filho do touro que Hércules deveria conduzir vivo a Euristeu, quando de seu sétimo trabalho. Numa ilhota (Naxos), Teseu, sempre com o fito de *seguir em frente*, em consonância com a filosofia gídiana da *disponibilidade*, abandonara Ariadne. Lembremo-nos que Etra, mãe do herói, sob o efeito de um sonho, fora oferecer um sacrifício, em uma ilha, onde Posêidon a violou.

Diversos fragmentos demonstram o caráter *isolado* (etimologicamente e através do italiano *isolato* - separado como uma ilha), do herói que se encastela em sua ilha particular: “eu não sou absolutamente cosmopolita [...] diante de tanto refinamento, eu parecia um selvagem e meu desalinho aumentava quando ela sorria” (GIDE, 1946: 40).

Se o percurso de Teseu puder ser traçado num mapa, as linhas formarão um enorme desenho fechado, equivalente a uma grande ilha. O trajeto de Hércules, todavia, lhe é completamente assimétrico, pois reflete

uma itinerância bastante confusa e tortuosa, em perfeita conformidade com a ausência de uma orientação filosófica do personagem.

A ilha representa, igualmente, a origem do herói, porque é o resultado da união da *água* (Posêidon) e da *terra* (sendo filho de Egeu, Teseu descende diretamente dos Erichtonius, cuja ancestralidade remete à Gaia, a Terra-Mãe de Erictônio)¹. A água e a terra, por sua vez, evocam a ideia de *abertura e da liberdade* que caracterizam o personagem: “meu mal-estar dissipou-se tão logo consegui respirar novamente ar puro. *Não sou um homem de locais fechados e preciso respirar a plenos pulmões*” (GIDE, 1946:49).

Histórias extraordinárias de Teseu e Hércules

Retomando as simetrias estabelecidas entre os heróis que constituem objeto desse estudo, a narrativa nos propõe o seguinte esquema:

Hércules Mais aplicado e preocupado em fazer o melhor	Teseu desprezava o descanso sem glória
<ul style="list-style-type: none"> • Devoção à tarefa • Ousadia sem limites • Temeridade que os faz avançar 	

Os pontos que apresentam em comum revelam seu caráter aparente. Todavia, as razões fundamentais para a justificação de suas existências, baseadas numa análise mais profunda de suas conquistas, permanecem desconhecidas. Algumas assimetrias demonstram como cada um dos personagens assume a consciência de participar do destino do mundo e de poder modificá-lo.

Hércules	Teseu
- parou nos primeiros feitos	- é alguém que <i>segue sempre em frente</i>
- valoriza o tempo de vencer	- valoriza o tempo de frutificar a terra semeada
- valoriza a hora de purificar a terra de seus monstros	- valoriza o tempo de ocupar a liberdade dos homens
- valoriza o tempo de liberar os homens do medo	- valoriza o tempo em que os homens erguerão suas cabeças

As oposições referidas conduzem às posições finais dos personagens que expressam, em Teseu, um fundamento iluminista, visando a situar o homem no mesmo plano dos deuses: “E de que mais se ocupar, senão do homem?” (GIDE, 1946:108). A indagação proposta evoca o humanismo de André Malraux, constatado num questionamento equivalente: “Escritor, por que eu estaria obcecado há dez anos senão pelo homem?” (MALRAUX, 1948: 47).

O simbólico encontro de Teseu com Édipo traz à baila o contraponto justo entre a busca da divindade defendida pelo filho de Laios e Jocasta a preocupação com a ação, que corroía, progressivamente, nosso herói:

Eu furei meus olhos para puni-los por terem sido incapazes de ver uma evidência que, como se diz, deveria saltar aos olhos [...] ninguém compreendeu o meu grito: “ó obscuridade, minha luz!”. Você também não o compreende. Pensaram que esse grito significava um lamento, quando era uma constatação [...] ele queria dizer: sombras, doravante tu serás para mim minha luz. E, enquanto o firmamento azulado cobria-se de trevas, meu céu interior, ao mesmo tempo se estrelava [...] “é preciso parar de ver o mundo para poder ver Deus” (GIDE, 1946: 109-110).

No confronto com a individualidade de Teseu, essa tese não encontra ressonância ou receptividade: “Se comparo meu destino ao de Édipo, fico contente: eu o preenchi. Atrás de mim, deixo a cidade de Atenas, mais ainda do que a minha mulher e meu filho, eu a amei. Eu fiz minha cidade. Depois de mim, meu pensamento imortal nela habitará” (GIDE, 1946: 113-114).

De modo esquemático, Teseu aproxima-se ora de Rousseau, ora de Voltaire, justificando a contribuição que o iluminismo concede à narrativa de Gide. O autor refere-se, outrossim, às ideias de:

Rousseau (p.101)¹ - Porque ele mostra que o acúmulo de riquezas opõe-se à igualdade social e à liberdade. É preciso estabelecer um pacto social que seja respeitado, pois a desigualdade é a fonte, por excelência, da liberdade política. Eis os fundamentos *Do contrato social*.

Voltaire (p.104) - Teseu, falando da *nova aristocracia*, “se essa nova aristocracia que favorecerei da melhor forma possível, for, como a desejo - não a do dinheiro, mas do espírito”, recupera o ideal voltairiano de um *déspota esclarecido* para tornar o povo feliz. Trata-se de um poder real controlado pelas elites sociais.

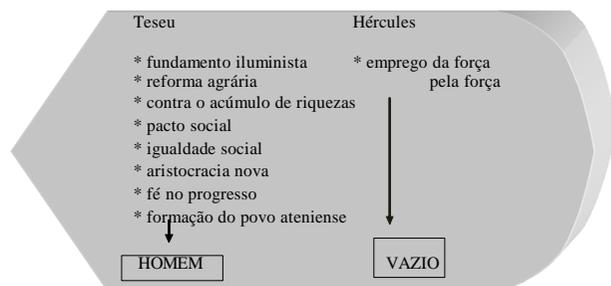
Voltaire (p.108) - Teseu acredita no progresso, como o próprio Voltaire havia acreditado: “minha grande força era de crer no progresso”. É ao progresso das “luzes”, anunciando uma civilização mais perfeita, no domínio artístico e social, a que ele faz alusão. No século XVIII, a *filosofia libertária*, da qual é corolário o *ideal de disponibilidade* gidiano, atinge seu apogeu.

Voltaire (p.106) - Teseu deseja julgar seus subordinados segundo serviços prestados “pois só pelo uso se conhecem os bons instrumentos”, tocando mais uma vez nos ideais voltairianos, para os quais “o homem nasceu para a ação [...] não se ocupar e não existir é a mesma coisa para o homem”.

Rousseau (p.101) - Quando Teseu propõe a reforma agrária: “por uma partilha igualitária de terras, suprimirei, de uma só vez, as supremacias e rivalidades que elas açambarcam”, aproxima-se dos conceitos que fundamentam o *Discurso sobre a origem da desigualdade social*.

Voltaire (p.106) - Teseu quer a formação de um “Povo” ateniense: “é assim que os atenienses, entre todos os Gregos, graças a mim, mereceram o belo nome de Povo, que lhes foi concedido a todos, tendo sido dado apenas a eles. Ultrapassando, em muito, minhas conquistas do antanho, é essa a minha glória; glória à qual não teve êxito Hércules, Jasão, Belerofonte ou Perseu”.

É nesse ponto que Teseu ultrapassa os feitos de Hércules e que o conjunto de sua obra se define. É nesse ponto que sua vida assume um sentido e que o significado de sua missão se realiza. É nesse ponto, no que concerne a Hércules, que os trabalhos desse desembocam no vazio porque, reiteradas vezes, constata-se que lhe faltava uma filosofia, capaz de sustentar suas conquistas. Objetivamente, as façanhas dos heróis podem ser elencadas do modo a seguir:



Conclusão

A existência de um herói tal qual Teseu pressupõe o nascimento da cidade de Atenas, onde reinaram princípios de democracia, justiça, liberdade e equidade – somente conhecidos dos povos e das nações muito posteriormente. Compreende-se, igualmente, que Hércules, em sua profunda tristeza, tributária da violência dórica que o define e constitui, não tenha gozado da glória de participar do destino do mundo.

Indivíduo habitado por uma humanidade na sua consciência íntima, herói solitário na ação, Teseu, aliás, apenas se ocupa do homem: “caro Edipo, [...] só me cabe louvar essa espécie de sabedoria que professa. Mas, meu pensamento, nessa estrada, não poderia acompanhar o teu. Acredito que o homem, quem quer que ele seja e por mais viciado que o julgues, deve utilizar as cartas que possui” (GIDE, 1946: 113).

Ele avança, *segue em frente*, só vislumbra grandeza no triunfo pragmático, ultrapassa todas as fronteiras e limites que fazem diferir o rei dos cidadãos, o homem do mundo, a vida da morte. Acreditando que “as primeiras e mais significativas vitórias que o homem deveria ostentar é sobre os deuses”, mergulha num profundo humanismo, forçando os homens a erguerem a cabeça, assumindo abertamente sua liberdade.

Em suma, o herói soube enfrentar todas as dificuldades que lhe advieram, proporcionando à humanidade mais felicidade. Com efeito, isolado em sua ilha pessoal que ele preenche de cidadãos atenienses, “para o bem da humanidade futura, [ele] fez sua obra, [ele] viveu” (GIDE, 1946: 114).

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Claude. *Nouveau Larousse Illustré*. Dictionnaire Encyclopédique. Paris: Librairie Larousse, s/d.
- DAUZAT, Albert. *Dictionnaire étymologique des noms de famille et des prénoms de France*. Paris: Librairie Larousse, 1987.
- GIDE, André. *Thésée*. Paris: Gallimard, 1946.
- GRIMAL, Pierre. *Mythologies de la Méditerranée au Gange*. Paris: Larousse, 1963.
- LE BRUN & TOISUL. *Dictionnaire Étymologique de la langue française*. Paris, Librairie Fernand Nathan, 1937.
- MALRAUX, André. *Les noyers de l'Altemburg*. Paris: Gallimard, 1948.
- MITOLOGIA GREGA. Site disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia_grega>, consulta feita em 07/04/2010.
- PANDOLFO, Maria do Carmo Peixoto. *Subterrâneos do texto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- PLUTARQUE. *Vies parallèles I*. Paris: Garnier Frères, 1950.

Notas:

¹ Cf. GIDE, André. *Thésée*. Paris, Gallimard, 1946.

² Temendo seus sobrinhos, os Palântidas, Egeu não levou seu filho a Atenas. Ao partir, dissimulou uma espada e um par de sandálias atrás de uma grande rocha para que o menino só os utilizassem quando fosse forte o suficiente para conseguir erguer o rochedo.

³ Segundo a mitologia, Procusto era o soberano de um pequeno reino que se situava no caminho para a Grécia, onde os viajantes se hospedavam frequentemente. Nesse reino, os hóspedes eram sagrados e recebidos como príncipes. O rei, ansioso em agradar seus hóspedes resolveu criar uma cama perfeita, onde o visitante poderia descansar e se refazer das agruras da viagem. Depois de anos de rigorosos estudos e experimentos, o rei julgou ter chegado às medidas e proporções ideais, e concebeu um leito, onde um homem ideal estaria encaixado em perfeita “harmonia”. À noite, quando um hóspede ia deitar-se, Procusto ordenava que seus serviçais “auxiliassem” o mesmo a adequar-se ao leito, esticando-o ou cortando os “excessos” de seu corpo, e infelizmente, poucos sobreviviam à sua hospitalidade e boas intenções. Seu nome real era Damastes, Procusto, que significava “o esticador”, era seu apelido.

⁴Ericônio é um herói ateniense, cujo mito é ligado às origens da cidade. Primitivamente, parecia não se distinguir de Erichthonius, filho de Hefesto (ou Hefáisto) e de Gaia (GRIMAL, 1963: 43).

⁵As páginas indicadas no esquema são extraídas da obra de GIDE, A. *Thésée*. 1946.

“KOSMOS KAI POLITHEIA”.
SOBRE AS INTERPRETAÇÕES CONTEMPORÂNEAS
DA ‘AÇÃO POLÍTICA’ NA PERSPECTIVA DOS
FENÔMENOS GNÓSTICOS ANTIGOS. DIALOGOS
COM KLAUCK, H.-J. ‘THE RELIGIOUS CONTEXT OF
EARLY CHRISTIANITY. A GUIDE TO GRAECO-
ROMAN RELIGIONS’.

Prof. Dr. Pe. Pedro Paulo Alves dos Santos¹
UNESA – LETRAS.

ABSTRACT:

The Current research seeks the study of the identity relationships in the early Christianity starting from the reception of Elements of the Religious Hellenism. These confluences advents previously of the relationships with the Judaism of Diaspora, in Egito Ptolomaico (LXX. séc. IV a.C), they are consolidated with the formation geopolitics and religious person of the Expansion of the Christianity in Minor Asia, during II^o Century. Through the exhibition of ‘The Religious Context of Early Christianity’ (KLAUS, 2000) we will approach Hellenistic’s Religion vicissitudes in mutation between the Philosophy of the Happiness and ‘the Return of the Divine Absolute’ in Gnosticism.

Keys-words: Gnosticism – Hellenistic Religion – Oriental Roman World – Early Christianity

I. Uma Fenomenologia dos Fenômenos Gnósticos Antigos

“Temptations by means knowledge”. This was an apt title, since the Greek word γνῶσις means precisely ‘knowledge’. But since the knowledge of God is a desirable goal in life for the Bible too, there must be something more than this, before gnosis can distinguished from Judaism and